

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS DO ATOR-REDE NA ARQUIVOLOGIA

Patrícia Silva¹

RESUMO

No espaço arquivístico estamos envolvidos de não humanos em um ambiente híbrido de objetos/coisas, sendo assim, uma questão cada vez mais importante é a de como entendemos e trabalhamos com os objetos/coisas cotidianos à nossa volta, pois reconhecemos que esses ocupam fisicamente e compartilham socialmente nossas vidas. O propósito do presente artigo é delinear uma perspectiva sobre a ontologia dos objetos a partir da Teoria Ator-Rede (ANT) inserida na área da Arquivologia. Trata-se, portanto, de um ensaio teórico que faz parte de uma pesquisa maior que representa uma crítica à visão antropocêntrica de mundo e dialoga com a ANT, principalmente quando o novo pensamento pós-humanista passa a incorporar atores não humanos como elementos essenciais para a compreensão do social. Pensar uma teoria que observa a ação do ser humano no objeto/coisa, e que, esse objeto/coisa também age no humano, imprimindo a mesma função, o mesmo encargo no momento da ação, parece bastante oportuno nos estudos atuais em Arquivologia. A ANT contribuiu de forma atraente no mapeamento das redes que articulam humanos e não humanos nos arquivos, oxigenando de forma bastante audaciosa as pesquisas arquivísticas, ocasionando *insights* interessantes para os estudos dessa área. Nessa perspectiva as ideias da ANT na arquivologia podem ajudar a abrir novas concepções, pelas quais o fazer arquivístico é realizado, pois esse abrange formas diferentes, em diferentes redes, e com efeitos diferentes. Ademais, é mais uma possibilidade, de como construir uma metodologia que permita apreender e a observar a participação de humanos e não humanos em seus contextos de atuação.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede. Arquivologia. Arquivos.

1 INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos a nossa jornada, e antes mesmos de problematizar o lugar desse ensaio teórico, gostaríamos de fazer uma aproximação do que veremos ao longo do texto a partir de um filme, lançado no Brasil no verão de 2017 - Eu, Daniel Blake.

Evitando *spoilers*², e não querendo fazer nenhuma sinopse, adiantamos que o

¹ Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

² O termo se refere a qualquer fragmento de uma fala, texto, imagem ou vídeo que se encarregue de fazer revelações de fatos importantes, ou mesmo, do próprio desfecho da trama de um filme, por exemplo.

filme, vencedor da Palma de Ouro em Cannes, trata da relação burocrática existente entre o Estado e as pessoas, para se obter benefícios sociais. Mas não é só isso, ele mostra como os objetos/coisas, inseridos nas redes sociotécnicas, modificam nossas relações, o nosso social. Quem já precisou resolver alguma pendência com as companhias telefônicas, com as seguradoras de carros, com as agências bancárias, que não tenha esbarrado nos serviços automatizados dessas redes sociotécnicas?

A noção de redes sociotécnicas, apresentada por Bruno Latour (1994), refere-se à interconexão de pessoas e objetos/coisas sempre disposta a integrar novos componentes.

Dourish et al. (2014) traz a distinção filosófica heideggeriana entre ‘objetos’ e ‘coisas’. Coisas, para Heidegger, são grupos de pessoas e materiais, reunidos que ultrapassam seus limites através de suas relações sociais e interações materiais, ou seja, qualquer entidade pode ser vista como coisa ou objeto. Com relação ao objeto, Latour (2001, p. 225) considera que “objetos e sujeitos são construídos ao mesmo tempo e o número crescente de sujeitos está diretamente relacionado ao número de objetos lançados – infundidos - no coletivo”. Isto é, sujeito e objeto se enredam, se apoiam um ao outro, sem a purificação do sujeito e sem o conformismo do objeto. Neste texto optaremos, sempre que possível, em utilizar o binômio: objetos/coisas.

Ainda com relação às redes sociotécnicas, trata-se de coletivos híbridos, em uma estrutura não linear, um ambiente propício de produção e disseminação de conhecimento, formando desenhos, arranjos e vínculos sociais. Diz respeito à própria natureza do ser humano, mas que somente na contemporaneidade tornaram-se visíveis (LATOURE, 1994). Assim, a constituição de uma rede sociotécnica não está atrelada apenas à interação das pessoas, dos seres humanos, mas ela compreende também, e de forma horizontal, a presença de objetos/coisas, tais como textos, arquitetura, laboratórios, máquinas, entre tantos outros não humanos. Em outras palavras, as ações não são qualidades exclusivamente de humanos, mas de uma associação de atores não humanos também.

Daniel Blake, um humano no filme, é quase invisível diante de tantas regras. A

história embora foque nos entraves burocráticos, como já foi mencionado, vai muito além deles, pois, nas entrelinhas, descentraliza os humanos do foco da análise, embora percebamos que Ken Loach, diretor do filme, tenha apostado fazer exatamente o contrário, ou seja, trazer o humano para o centro. Não estamos dizendo que isso seja bom ou ruim, não estamos polarizando, desenvolver isso todavia, mostrar que existe uma nova forma de pensar nas ciências sociais, que requer uma abordagem da noção de ontologia do social, até então resumida às relações e interações humanas, e reconhecer a materialidade do social, expande os números de elementos em análise e permite perceber que as ações dos sujeitos estão espalhadas nas relações entre humanos e não humanos (LATOURET, 2005; 2012; KNORR-CETINA, 2001; PICKERING, 2001).

Eu, Daniel Blake (2017) não foi o primeiro filme que nos despertou tal análise, e não será, com certeza, o último. Existe uma lista extensa de filmes que nos faz refletir sobre essas questões: *Ex Machina* (2015), *Ela* (2013), a série britânica *Black Mirror* (2011), a trilogia *Matrix* (1999), *Robocop* (1987), *O Exterminador do Futuro* (1985), *Blade Runner* (1982), entre tantos.

Assim posto, o propósito do presente artigo é delinear uma perspectiva sobre a ontologia dos objetos a partir da Teoria Ator-Rede (ANT) inserida na área da Arquivologia. Trata-se, portanto, de um ensaio teórico, ou seja, um estudo que consiste de uma exposição lógica e reflexiva, com argumentação rigorosa e alto nível de interpretação e julgamento pessoal (SEVERINO; 1996). Esse ensaio faz parte de uma pesquisa maior que representa uma crítica à visão antropocêntrica de mundo e dialoga com a ANT, principalmente quando o novo pensamento pós-humanista passa a incorporar atores não humanos como elementos essenciais para a compreensão do social.

Em conformidade com os propósitos a alcançar, este texto se subdivide em dois tópicos, para além das considerações iniciais e finais. No primeiro, proporcionamos um enquadramento para o pensamento pós-humanista, a fim de preparar o leitor, a adentrar na Teoria Ator-Rede. No segundo tópico, avançamos para a Teoria Ator-Rede fornecendo os subsídios teóricos necessários à sua correta compreensão e como ela pode ser articulada na prática arquivística.

2 O PENSAMENTO PÓS-HUMANISTA

Com a intenção de encarar a unilateralidade e o rigor inseridos pela visão humanista moderna, que “faz do homem o valor supremo, e que vê nele a medida de todas as coisas” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 132) nasce o pensamento pós-humanista que defende que precisamos ir além da ideia de unicidade dos sujeitos (humanos) e acolha um mundo material também pela interferência de outros agentes (não humanos).

Sendo assim, nessa perspectiva da teoria social pós-humanista, que descentraliza os humanos do foco da análise e adota a sintonia existente entre materiais e agência humana (PICKERING, 2001), surge a *sociological turn*, uma nova postura sociológica que tende em estabelecer uma simetria³⁴ entre os atores sociais (humanos e não humanos), se distanciando das clássicas compreensões dualistas e polarizadas, e por que não dizer, simplistas de mundo, do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, do bom e do ruim, do humano e do não humano, e assim, estabelecer diálogos não dicotomizados, tampouco colocar em lados opostos, esse entrelaçado de redes sociotécnicas constituinte do plano social (SCHATZKI, 2003; SCHATZKI; KNORR-CETINA; VON SAVIGNY, 2001).

Nós, humanos, usamos ferramentas e tecnologias, ou seja, coisas/objetos para aumentar as nossas capacidades e os nossos sentidos, isso é fato, e esses não humanos produzem profundas mudanças no comportamento, na cultura, no conhecimento. A respeito disso Tara Fenwick (2014, p. 265, tradução nossa) afirma que:

Em vez de examinar apenas os atores humanos, suas habilidades individuais e suas inter-relações sociais, uma visão sociotécnica trata os elementos sociais e materiais das práticas do conhecimento como

3

Diz respeito ao tratar humanos e não humanos igualmente. Aceitar amarrações simétricas entre a produção científica e o fazer cotidiano, tornam-se questões fundamentais para a construção de conhecimentos e práticas reflexivas e efetivamente críticas, capazes de pensar e dar conta dos limites, das possibilidades, e da complexidade do novo „humano-não humano“ (SIQUEIRA; MEDEIROS, 2010).

10

enredados e mutuamente constitutivos. A materialidade é particularmente destacada, revelando maneiras que corpos, substâncias, objetos se combinam para realmente incorporar e mobilizar o conhecimento, materializar o aprendizado e exercer a capacidade política.

Assim, pensar uma teoria que observa a ação do ser humano no objeto/coisa, e que, esse objeto/coisa também age no humano, imprimindo a mesma função, o mesmo encargo no momento da ação, parece bastante oportuno nos estudos atuais em Arquivologia. Para Merleau-Ponty (2004, p. 24) os não humanos não são simples coisas/objetos neutros diante de nós, pelo contrário, eles simbolizam e falam muito a respeito de nós, “[...] é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta”.

Convidamos o leitor a pensar a noção do além-homem como falou Friedrich Nietzsche (2002, p. 13), “O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?”. Isso significa pensar além das noções e ações humanas no mundo, refletir acerca que, nós humanos criamos objetos/coisas intervindo sobre elas, mas estes objetos/coisas também interferem nas formas de viver, de ser e estar no mundo dos homens, ou seja, esses não humanos agem e/ou promovem ações em todos os domínios da vida social: família, lazer, trabalho e escola.

Temos colocado em segundo plano a realidade técnica em detrimento a uma realidade exclusivamente humana. Visualizar apenas nos humanos nos predispõe a excluir os materiais que caracterizam as atividades cotidianas, conferindo aos sujeitos toda e qualquer responsabilidade pelas ações, e por consequência não focalizando um escopo maior de participantes das práticas sociais, abandonando a ação dos não humanos no processo (SCHATZKI; KNORR-CETINA; VON SAVIGNY, 2001). Percebam que é a associação, dos humanos com os não humanos que viabilizam as relações sociais.

A ontologia⁴ dos objetos trabalha nessa perspectiva, que pessoas e objetos

4

A ontologia é uma parte da filosofia que estuda o ser em seus primórdios

11

ocupam o mesmo lugar, hierarquicamente falando. “Pensar os sujeitos sem objetos, ou os objetos sem sujeitos, só pode ser uma forma ‘mágica’ ou artificiosa em purificar os híbridos e pensar o social de forma simplista” (LEMOS, 2012, p. 37). Fortalecendo esse entendimento Latour (1994) diz que somos quase-sujeitos e quase-objetos, e quanto mais temos um, mais temos o outro.

3 TEORIA ATOR-REDE NA ARQUIVOLOGIA

Na área da Arquivologia, como em qualquer outra área do conhecimento é fundamental refletir os domínios teóricos e metodológicos para produzir conhecimento, e assim estimular discussões sobre o próprio campo. Segundo Jardim (2012) a construção de agendas de pesquisa é fundamental para pensar epistemologicamente os métodos, objetos, universo empírico e questões interdisciplinares, o autor ainda acrescenta que na Arquivologia “são menos evidenciados aspectos relativos às escolhas teóricas e opções metodológicas, seus problemas e formas de contorná-los” (JARDIM, 2012, p. 143).

Sendo assim, é importante amplificar a interlocução interdisciplinar na pesquisa arquivística. A Teoria Ator-Rede, do inglês *Actor-Network Theory* (ANT), divulgada pelo filósofo francês Bruno Latour, recomenda narrar às associações e registrar as ações dos grupos inseridos num processo de coletividade, isto é, o movimento realizado não é uma qualidade exclusivamente de humanos, mas de uma associação de atores não humanos também. Nessa perspectiva teórica, humanos e não humanos agem e podem transformar as situações que estão envolvidos.

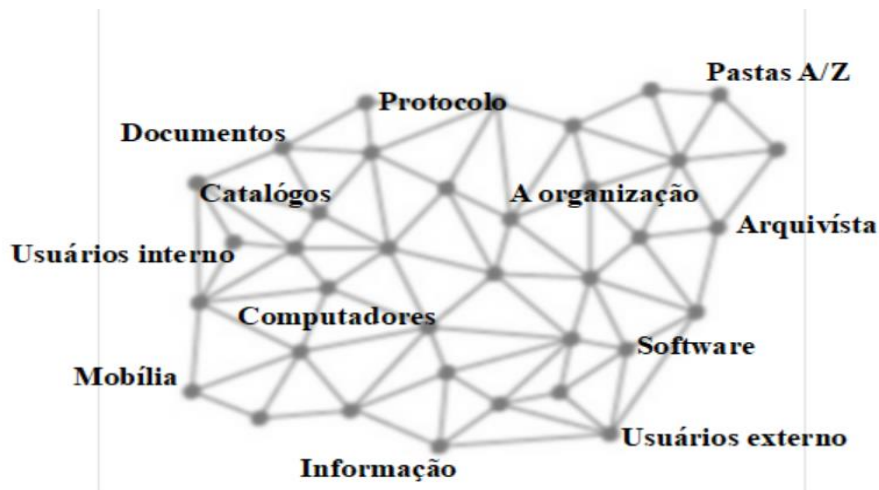
A ANT trata sobre em “seguir as coisas através das redes em que elas se transportam” (LATOURE, 2004, p. 397), daí a palavra *ant*, que em inglês significa formiga, ser a tradução perfeita para o detalhismo e a qualidade de rastreador de trilhas de quem se identifica com essa teoria, originária da antropologia e a serviço da “sociologia das associações, das reassociações e das reconfigurações entre agentes humanos e não humanos”, seguindo os caminhos traçados por eles, assim como a formiga faz sua caminhada (BENNERTZ, 2011, p. 949; LATOUR, 2012). ‘Seguir’ os acontecimentos,

traçar as conexões entre os vários agentes que agem e fazem agir a outros é a tarefa de um Estudo Ator-Rede (QUEIROZ E MELO, 2008).

Iniciamos a discussão através das associações que se constituem na arquivologia, no agenciamento entre humanos e não humanos, notadamente nos arquivos de forma geral. Sendo assim, surgem as seguintes questões norteadoras para esse ensaio: Como é possível, em uma área como a arquivologia, onde quase tudo, é mediado por objetos/coisas, não dedicarmos a atenção aos não humanos? Como é que esses não humanos se associam ao humano no arquivo na produção do conhecimento? Como analisar essas associações, e perceber que os objetos/coisas, além de materializarem as relações humanas, eles também participam ativamente da vida social?

Observamos que o ambiente arquivístico é um híbrido de objetos/coisas (figura 1): o arquivo, ou sejam os conjuntos documentais produzidos e recebidos já cumulados pelas entidades públicas ou privadas no exercício de suas funções; o documento em si mesmo, o arquivo como entidade, computadores, software de gestão, entre toda uma rede sociotécnica, e que sem esses objetos/coisas na trama social, os sujeitos não existem, e conseqüentemente o arquivo também não (LEMOS, 2013).

Figura 1 – Rede sociotécnica do arquivo.



Legendas:

● Actantes (humano e não humano)

_____ Linhas de associações

Latour (1994) afirma que o humano nas redes sociotécnicas é mais um nó, no interior das ações que se desenvolvem nessas redes, e que cada nó (humano/objetos/coisas) existente está relacionados um com os outros, bem como dá suporte e força aos fios interligados. Segundo Callon (2008, p. 308),

a implicação importante na rede sociotécnica reside em que se quer saber o que é transportado entre os pontos, conhecer como são e de que maneira ocorrem os deslocamentos, o que está circulando, apreciar o que está em causa, o que está se fabricando como identidade, a natureza do que se desloca, etc.

A intenção desse ensaio é estimular uma reflexão a respeito da importância dos atores humanos sim, mas, e principalmente dos não humanos na produção de conhecimento individual e coletivo, em contextos arquivísticos a partir do agenciamento, isto é, nas ações que fazem os atores fazerem coisas.

A agência ou agenciamento diz respeito aos objetos deixarem de ser apenas artefatos e participarem das ações nas interações cotidianas, ou seja, nas ações que fazem os atores fazerem coisas, na sinergia entre eles. Assim, agência é toda ação que um humano e/ou não humano faz a outro. A respeito disso Martin Heidegger em seu 'mundo

das coisas’, discorre sobre a relação entre o sujeito e o objeto como algo conectado, como pertencentes ao mesmo conjunto, porque seus significados estão relacionados, sendo assim o indivíduo, está sempre situado no mundo das coisas, no *Dasein* (o ser-aí) (CHRIST, 2015).

É bastante comum observar que nas relações sociais os humanos são geralmente percebidos de forma hegemônica, onde os objetos/coisas são sempre passivos à ação desses humanos, “é a necessidade de purificação através da divisão” que é sempre a tentativa de separação entre o sujeito e o objeto (LATOURE, 1994). Para Dourish et al. (2014, p. 87, tradução nossa): “Isto não é para sugerir que os objetos são equivalentes, independentes ou sensíveis como os seres humanos, mas reconhecer que eles têm uma existência e uma agência”.

Por exemplo, o objeto/coisa que chamamos Tabela de Temporalidade e Destinação. É a partir dela que os profissionais se comprometem a transferir, recolher, descartar ou eliminar documentos, de modo que esse dispositivo tem uma agência, pois está envolvido nas dinâmicas e nas interações profissionais. Observando agora o poder do agenciamento do humano sobre os não humanos, mencionamos um outro caso: a forma de disposição do quadro de arranjo dos arquivos permanentes. Os sujeitos podem organizá-los com diferentes métodos estruturais ou funcionais, e cada um que for escolhido muda completamente a relação que se estabelece. Observem pelos exemplos apontados que determinada ação de um humano não diz respeito apenas à participação de outro humano. Elementos materiais, coisas/objetos, também influenciam de forma substancial, e é igualmente importante, nas ações (LATOURE, 2005, 2012).

A Teoria Ator-Rede é constituída por um vasto vocabulário próprio – mas não se resume a isso, Latour (1999 apud MITEW, 2014, p. 8) afirma que é necessário localizar os elementos essenciais da ANT. Os principais utilizados neste estudo inicialmente são: ator e rede, bem como o próprio hífen (-), este último para denotar a inseparabilidade entre os dois primeiros.

Um ‘ator’⁵ na ANT é aquele (humano ou não humano) que age (LATOURE, 2005; 2012). Nas palavras de Latour (2012, p. 75): “ ‘ator’, na expressão hifenizada ‘ator-rede’, não é a fonte de um ato e sim um alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção”. Ou seja, um ator ou actante é o que muda as ações de outros, não implicando nenhuma motivação especial dos atores individuais humanos envolvidos.

Por sua vez, a noção de rede em Latour (2002) diz respeito à circulação e alianças entre os actantes, a rede é entendida como um rizoma⁶, um conjunto de todas as partes, ascendendo para todas as direções, e é marcada pela transformação. Para Lemos (2013, p. 48, grifo nosso), “**rede não é por onde as coisas passam**, mas aquilo que se forma na relação das coisas”.

Segundo Latour (1994, p. 12), “as redes são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade”. Observamos que com base na ANT, pode-se examinar as maneiras pelas quais diferentes configurações funcionam para produzir possibilidades de produção de conhecimento, mobilizando e estabilizando de modo particular humanos e não humanos.

O hífen na palavra composta ator-rede, conforme Latour (2012, p. 198) “aparece para desdobrar os actantes como redes de mediações”, nomeando a conexão entre o humano e o não humano por meio da rede que se transportam. Contudo, o próprio Latour (2005; 2012) fez uma autocrítica sobre a insuficiência do hífen para capturar a ação que se distribui em rede. Segundo o teórico, rede refere-se muito mais ao modo de descrever esse movimento circulatório do que a caracterização dos seus elementos, decorrendo assim a necessidade do mapeamento descritivo das interações híbridas.

5

O ator refere-se a humanos e não-humanos, sendo por este motivo sugerido o termo actante. Para Mitew (2014) a contribuição mais importante da Teoria Ator-Rede é a noção do actante, ou seja, a noção do participante ativo, que não necessariamente será o ser humano.

6

Neste modelo epistemológico, a noção de rizoma se aproxima daquela elaborada por Deleuze e Guatarri (1996), a organização dos elementos não segue linhas de subordinação hierárquica, com uma base ou raiz dando origem a múltiplos ramos, mas, pelo contrário, qualquer elemento pode afetar em qualquer outro.

Conforme a discussão até este ponto, podemos mencionar três princípios, recomendados por Latour (2005, 2012), conforme Quadro 1, para orientar estudos na perspectiva da ANT:

Quadro 1 – Princípios da Actor-Network Theory.

Princípio I	Simetria: Diz respeito a tratar humanos e objetos/coisas igualmente, dando-lhes a mesma importância.
Princípio II	Rastreador de trilhas: Seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, traçar as conexões entre os vários agentes que agem e fazem agir a outros.
Princípio III	Não purificação: Sujeito e objetos/coisas se enredam, se apoiam um ao outro, sem a purificação do sujeito e sem o conformismo do objeto/coisa.

Fonte: Adaptado de Latour (2005, 2012).

Portanto, utilizar a ANT implica em envolver-se na incumbência de analisar todas as compreensões a respeito de um fato e suas agências (LATOURE, 2006).

Qualquer que seja o ponto de vista a respeito da Arquivologia: como ciência consolidada, ciência em formação ou disciplina científica, a pesquisa na área constitui a base fundamental para a sua renovação permanente. Nessa perspectiva a ANT contribuiu de forma atraente no mapeamento das redes que articulam humanos e não humanos nos arquivos, oxigenando de forma bastante audaciosa as pesquisas arquivísticas, ocasionando *insights* interessantes para os estudos dessa área, e, assim traz para o foco das pesquisas os não humanos, desmembrando o humano e o social, concentrando-se nos pontos de associações desses, tais como: onde persuadem, seduzem, resistem e comprometem-se mutuamente à medida que se unem, pois vários são os atores presentes neste cenário (FENWICK; EDWARDS, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No espaço arquivístico estamos envoltos de não humanos em um ambiente

híbrido de objetos/coisas, sendo assim, uma questão cada vez mais importante é a de como entendemos e trabalhamos com os objetos/coisas cotidianos à nossa volta, pois reconhecemos que esses ocupam fisicamente e compartilham socialmente nossas vidas. Nesse artigo sobre a ‘primeiras aproximações teóricas do ator-rede na arquivologia’ expomos um olhar a cerca dessa abordagem orientada ao objeto a partir da Teoria Ator-Rede.

Revelamos como os objetos/coisas, ajudam a constituir relações sociais e ao mesmo tempo são partícipes ativos na construção do conhecimento individual e coletivo no ambiente arquivístico, pois esses, além de serem fisicamente manipulados e rotineiramente usados, inclui um entendimento que nos relacionamos com eles e com as maneiras pelas quais habitam tal ambiente (DOURISH, 2014).

Os objetos/coisas estabilizam e conservam relações sociais à medida que são utilizados e reconhecidos pelos humanos e também pelas conexões que estabelecem. Nessa perspectiva as ideias da ANT na arquivologia podem ajudar a abrir novas concepções, pelas quais o fazer arquivístico é realizado, pois esses abrangem formas diferente, em diferentes redes, e com efeitos diferentes. Ademais, é mais uma possibilidade, de como construir uma metodologia que permita apreender e a observar a participação de humanos e não humanos em seus contextos de atuação.

Descentrando o humano da posição de únicos mensageiros da agência e trazendo os não humanos como atores sociais tangíveis e com a importância de mediador, de actante, o ensaio considera que, a interação desses objetos/coisas com os indivíduos, implicam em confrontos cognitivos, mudando sua forma de pensar, fazer, aprender e agir no ambiente onde vivem, ou seja, em um campo específico que se caracteriza por um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais onde se manifesta as figuras de autoridades (BOURDIEU, 1988), aumentando, transformando e favorecendo a capacidade social desses indivíduos, na reelaboração de novos conceitos e informação e, consequentemente de conhecimento.

FIRST THEORETICAL INTRODUCTIONS OF ACTOR-NETWORK IN ARCHIVOLOGY

ABSTRACT

In the archival space we are surrounded by nonhumans in a hybrid environment of objects/things, so an increasingly important issue is how we understand and work with the everyday objects/things around us, since we recognize that they occupy physically and socially share our lives. The purpose of this article is to outline a perspective on the ontology of objects from the Actor-Network Theory (ANT) inserted in the area of Archivology. It is, therefore, a theoretical essay that is part of a larger research that represents a critique of the anthropocentric view of the world and dialogues with the ANT, especially when the new post-humanist thought starts to incorporate nonhuman actors as essential elements for understanding of the social. To think a theory that observes the action of the human being on the object/thing, and that object/thing also acts on the human, impressing the same function, the same charge at the moment of action, seems quite opportune in current studies in Archivology. The ANT contributed in an attractive way in the mapping of the networks that articulate human and nonhuman in the archives, oxygenating in a very audacious way the archival researches, causing interesting insights for the studies of that area. In this perspective ideas of ANT in the archivology can help to open new notions, by which the archival do is realized, since this covers different forms, in different networks, and with different effects. In addition, it is one more possibility, how to construct a methodology that allows to apprehend and to observe the participation of humans and nonhumans in their contexts of performance.

Keywords: Actor-Network Theory. Archivology. Archives.

REFERÊNCIAS

BENNERTZ, R. Constituindo coletivos de humanos e não humanos: a ordenação do mundo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.949-954, 2011.

BOURDIEU, P. **Homo Academicvs**. Stanford, CA: Polity Press, 1988.

CALLON, M. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 302-321, jan./jun. 2008.

CHRIST, O. Martin Heidegger's Notions of World and Technology in the Internet of Things age. **Asian Journal of Computer and Information Systems**, v. 3, n. 2, April, p. 58-64, 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1996. V. 3.

DOURISH, P. et al. **An Internet of Social Things**. 2014. Disponível em: <<http://www.dourish.com/publications/2014/InternetOfSocialThings.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

FENWICK, T. Knowledge circulations in inter-para/professional practice: a sociomaterial enquiry. **Journal of Vocational Education & Training**, v. 66, n. 3, p. 264-280, 2014.

FENWICK, T.; EDWARDS, R. **Actor-Network Theory in Education**. London, New York: Routledge, 2010.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JARDIM, J. M. A Pesquisa em Arquivologia: um Cenário em Construção. In: VALENTIM, M. L. P (Org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília, São.Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 135-154.

KNORR-CETINA, K. Objectual practice. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 184-197.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos escudos científicos. Bauru, SP : EDUSC, 2001.

_____. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 1994.

_____. Por uma antropologia do centro. **Revista Mana, Rio de Janeiro**, v. 10, n.2, p.397-414, out. 2004.

_____. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria do Ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

_____. **Reassembling the social**: an introduction to actor-network theory. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. **Changer de société, refaire de la sociologie**. 2006. Disponível em: <eprints.lse.ac.uk/53939/1/_libfile_REPOSITORY_Content_Girardeau,%20M_Changer%20de%20societe_Girardeau_Changer%20de%20societe_2013.pdf>. Acesso em: 10

jun. 2017.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **A comunicação das Coisas**. Internet das Coisas e Teoria Ator-Rede. Etiquetas de Radiofrequência em Uniformes Escolares na Bahia. 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/659634-A-comunicacao-das-coisas-internet-das-coisas-e-teoria-ator-rede.html>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MITEW, T. Do objects dream of an internet of things? **Fibreculture Journal**, n. 23, p. 1-25, 2014.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zarathustra**. 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016

PICKERING, A. Practice and post-humanism: social theory and a history of agency. In: CHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary**. London: Routledge, 2001. p. 172-183.

QUEIROZ E MELO, M. F. A. Mas de onde vem o Latour? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 2, n. 2, fev. 2008.

SCHATZKI, T. R. A new societist social ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.

SCHATZKI, T. R.; CETINA, K. K.; SAVIGNY, E. **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London, New York: Routledge, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.